

Esperança

(ou a arte de ver muitos filmes)

Acontece sempre. Em tempos obscuros pela incerteza da humanidade, como os que vivemos, a atenção do mundo vira-se para as crianças. Quando tudo falha, nada mais resta do que a confiança num futuro diferente, já só possível se operado pela geração seguinte. E, se já é difícil de imaginar, a materialização de um futuro assim apresenta-se-nos *impalpaavelmente*... gasosa.

No campo da defesa do património arquitectónico, edificado, artístico (e por aí fora), a doutrina não diverge. Nesta passagem de século legislaram-se mais medidas anti-corrupção do que nos restantes séculos somados. Do combate pela ética, deontologia e moralização geral, empreendido em favor da transparência, resta apenas o absurdo. Vagas de políticos, uns após outros, guincharam aos microfones infinitos decibéis de “retomas de confiança”, “perspectivas de futuro” e “desbravar de novas fronteiras”. Tudo falhou neste *Estado a que chegámos*. As más práticas estão a tal ponto enraizadas que qualquer melhoria das políticas públicas e privadas só é possível recorrendo à substituição integral do motor da sociedade: nós.

Quando, um dia, o país emergir da profunda crise em que se afunda, as crianças de hoje terão crescido o suficiente para governar o que restar do Estado e a matriz mental sobre a qual, embrionariamente, edificam hoje a sua individualidade deverá integrar noções valiosas de património. O conceito, de resto, tende a dilatar-se aos temas globais relacionados com a gestão dos recursos futuros, como o património genético ou o património ecológico. Contudo, acredito que haverá

sempre um cantinho do coração para o património edificado... dependendo sempre da agudização de factores mais importantes, como a água potável.


Com este regime a agonizar esbatem-se os critérios e confundem-se os conceitos, de tão empobrecidos que já se encontram. Há anos que venho escrevendo a alertar para este problema que não parece muito importante mas é a base. Por exemplo, quando o conceito associado à palavra cego foi convenientemente decretado *politicamente incorrecto*, ficámos forçados a lançar alertas do tipo: - “O governo é invisual”, o que ninguém entende porque não quer dizer coisa nenhuma. Nos anos oitenta cheguei a pensar que assistir à desvitalização de edifícios (“tirar o miolo”, nas palavras de um conhecido arquitecto cujo nome omitirei) era um mal necessário - uma espécie de ritual bárbaro de passagem - que tínhamos de suportar para evoluir para um conceito mais abrangente de Reabilitação de Património Edificado (como o que se praticava, em toda a Europa, desde o pós-guerra) e que salvaguardasse, sempre que possível, os interiores históricos. Pelo contrário, verifico que a moda do *fachadismo* voltou revitalizada. Andou tudo para trás porque a “malta” não se interessa. De resto, devo acrescentar que a iliteracia generalizada não lhes deixa grande margem para raciocínios, muito para além do futebol e demais temas que lhes impingem.

Quando, na semana passada, sugeri a uma arquitecta da Câmara Municipal de Lisboa que a este ritmo de incompreensão, arruinaremos o património de Lisboa em poucos anos, a resposta foi fulminante - “*Está a ver muitos*

filmes”, disse ela. Explico aos alunos que esta arquitecta não é má, simplesmente ignorante. Prisioneira de uma imensa caverna platónica, tudo para ela é um filme. Ela é, em suma, o produto acabado de uma subcultura disfuncional.

As crianças tendem a compreender isto melhor que os adultos. É por isso que o futuro da “conservação do património arquitectónico, da reabilitação e do edificado”, e de tudo o resto, passa pela educação das nossas crianças. Só que as crianças tendem a aprender pelo exemplo dos adultos, o que transforma tudo o que aqui foi exposto numa “pescadinha de rabo na boca”. Por isso, caros amigos, Esperança, é também a palavra que escolho para o Fim.

Recomendações alusivas ao tema deste número: vale a pena levar as crianças a visitar o Palácio Nacional de Sintra, na vila de Sintra. No [site www.ippar.pt/monumentos/palacio_sintra.html](http://www.ippar.pt/monumentos/palacio_sintra.html) poderá consultar toda a informação necessária de horários, preços de bilheteira e actividades (crianças até aos 14 anos não pagam).

Também uma recomendação para o Museu da Cidade, instalado no Palácio Pimenta em Lisboa, que está de parabéns porque fez 100 anos, no passado dia 15 de Julho. Através do [site www.museudacidade.pt](http://www.museudacidade.pt), poderá marcar uma visita apoiada pelo Serviço de Animação e Pedagogia. 

ANTÓNIO PEREIRA COUTINHO,
Arquitecto